

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens neque  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumpfi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

**SUMMARIO:**—*Um anno mais!* pela redacção.—**Secção Religiosa:** *Liberalismo, Progresso, Trabalho, Pauperismo, e Socialismo*, por J. C. de Faria e Castro.—**Secção Scientifica:** *Reminiscencias Classicas, ou a traducção das Tusculanas de Cicero*, por J. C. de Faria e Castro.—**Secção Historica:** *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 17.º*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—**Secção Critica:** *Coisas! Coisas!* por um leitor de gazetas; *Os conventos que cahem e os conventos que se levantam*, por um amigo das ordens religiosas.—**Secção Litteraria:** *Primeiro psalmo de David*, poesia, por M. Pinto de Paiva Madureira.—**Secção Bibliographica:** por Alberto dos Guimarães.—**Secção Necrologica:**—**Retrospecto da Quinzena**, por J. de Freitas.

## UM ANNO MAIS!

**C**OMPLETA hoje o seu decimo anno o *Progresso Catholico*; é mais um passo dado na senda do sacrificio, mas é tambem mais uma pedra a engastar na coroa que nos circunda a fronte, vergada por dez annos ao peso de fadigas immensas, de contrariedades infinitas, de ingratidões immerecidas!

Tem sido o viver da nossa Revista, em meio do jornalismo portuguez, agitada por contrarios ventos, que umas vezes lhe dão forças e coragem para mais renhidos combates, levando outras vezes o desalento aos corajosos batalhadores, que succumbiriam se os não animasse a fé, que quebrariam as pennas se os não impulsionasse o amor da Patria, que enrolariam a bandeira destemidamente desfraldada ha dez annos se a não vissem pura e immaculada como no primeiro dia em que a hastearam na estacada da imprensa onde surdiram voluntarios da Cruz e das Quinas, da Igreja e da nação.

Mas, a broquelar os nossos arraiaes, e como sentinellas que nos bradam de continuo—*Alerta!* temos a dedicação de muitos amigos, a boa vontade de muitos catholicos sinceros, a protecção franca e nobremente inspirada de muitos e leaes portuguezes, e, sobre tudo, a benção do Vigario de Jesus Christo, o maior galardão, a mais bella recompensa para os nossos sacrificios.

Sacrificios, sim; porque sem sacrificios de trabalho e dinheiro não era possivel sustentar dez annos uma Revista como a nossa, e nas condições em que é feita uma publicação de tal ordem. A prova d'isto está no grande numero de publicações catholicas que tem principiado a fazer-se no nosso paiz e que tem deixado de existir durante os dez annos que o *Progresso Catholico* conta de vida. Triste é lembra-lo, tristissimo enumerar todos esses campeões da imprensa catholica que tem passado como meteoros por diante do nosso hu-

milde quinzenario; mas isso mesmo que tanto nos penalisa, porque antes quizemos tel-os todos combatendo a nosso lado, é tambem uma gloria para nós, pois que mostra que a nossa fé, a nossa boa vontade nos tem levado onde outros não teem podido chegar. Demos por isso graças a Deus!

Com o proximo n.º encetamos o decimo primeiro anno, que será uma nova epoca para o *Progresso Catholico*. Se nos dez annos decorridos temos opposto um bom periodico aos maus periodicos, cumprindo assim os preceitos do nosso Santo Padre Leão XIII; nos annos que vão seguir-se, opporemos tambem romance a romance. O romance é hoje uma arma perigosissima que anda nas mãos de todos, pervertendo muitos corações innocentes, levando a descrença a muita alma até então pura e arru-bada nos esplendores da fé; pois é como o romance que nós vamos tambem combater a impiedade, a descrença, a corrupção. Ao romance immoral, a essas paginas respirando odio a tudo que é casto e santo, vamos oppor o romance moral, paginas inspiradas no amor de Deus, repassadas de unção religiosa, transbordando de ensinamentos christãos, que levem a consolação e a paz ao seio das familias, e que lhe apresentem modelos de excellentes mães, de paes virtuosos, de filhos obedientes e respeitadores das doutrinas da Igreja. Se temos feito algum bem com a nossa Revista, mais faremos agora com os pequenos romancesinhos.

Ajudem-nos os nossos actuaes assignantes, sejam nossos auxiliares n'esta cruzada santa do bem contra o mal e dos fructos que a sociedade colher, gozarão tambem.

E demais, nós, que sempre carecemos da protecção de todos os bons catholicos, com mais razão d'ella carecemos ao entrar no novo anno. Redobra o trabalho, augmenta a despeza, porque ha a fazer a versão para portuguez de 16 paginas de romance para cada numero, a impressão vae custar

muito mais, e gastamos mais um terço de papel; quasi que dobra a despeza! E apesar de tudo elevamos o preço da assignatura de 600 réis a 800 réis —unicamente 200 réis de differença!

Carecemos, portanto, de maior auxilio, e como nos não falta a fé, nem a esperança nos abandona, esperamos que elle nos virá, e com esta certeza emprehendemos a nova campanha, não sem implorar o auxilio d'Aquella sob cuja egide pelejamos.

A REDACÇÃO.

## SECÇÃO RELIGIOSA

**Liberalismo, Progresso, Trabalho, Pauperismo e Socialismo**

«A politica deve manter a ordem entre os interesses e as paixões inimigas, collocando-se entre umas e outros, sem se torcer ou se inclinar para algum dos lados.»

Rodriguez de Basto.

**C**AUSA de todos os nossos males, é o erro e a ignorancia. Cumpre dar-lhes remedio. Qual? A instrucção, fundada sobre a religião e a moral, fontes fecundas da prosperidade publica: a instrucção e a religião contribue para a boa ordem frustrando os crimes, predica a obediencia ás leis, e dá ventura aos homens, ensinando-lhes os seus direitos e os seus deveres.

Portanto os problemas do nosso tempo não poderão achar solução senão na applicação esclarecida, sincera dos principios do christianismo: A *Liberdade* para o homem é a posse intelligente e a direcção de si mesmo sob o imperio da lei de Deus que lhe prescreveu a justiça e a caridade.

O *Progresso*, o verdadeiro progresso que é o aperfeiçoamento da alma, tem por condição a educação christã unindo todos os esforços para realisar sobre a terra o reino de Deus.

O *Trabalho* santificado pelo exemplo

mesmo de Jesus Christo, o trabalho não é um direito, é um dever; e Deus só é que pôde assegurar-nos por elle uma recompensa que não temos nunca o direito de reivindicar pela força. Exploração brutal do rico pelo pobre, do trabalhador pelo mandrião: as grêves são a realização inepta do desvairo do avarento!

O *Pauperismo* é um mal sem cura como a desigualdade das forças e das intelligencias, como a paixão e a indolência que d'elle são as origens as mais fecundas. O unico allivio possível à miséria vem ainda do sentimento christão que ensina ao pobre a previdencia, a economia, a resignação, ao rico a caridade.

O *Socialismo* é o derradeiro fructo das doutrinas doentias provocadas pelo desvairo da vaidade humana; o socialismo é o renascimento de todos os males os quaes o Christianismo veio banir da terra; elle não soffre a discussão: elle tomara até a forma de uma agressão selvagem e parricida contra toda a organização social. E' um mal horrendo cuja invasão faz sentir mais imperiosamente a necessidade de ligar-se a sociedade à cruz de Jesus Christo, como a ancora da salvação: o socialismo é para a velha Europa o signal supremo, o derradeiro aviso que Deus lhe envia para chamal-a ao seu dever; porque todos os problemas particulares, como os problemas geraes, não podem achar sua solução senão no ensino e na pratica séria do christianismo.

\* \* \*

Trabalho!... Desde que Deus disse ao primeiro homem: «Tu ganharás o teu pão com o suor do teu rosto,» o problema do trabalho foi ligado ao da felicidade e do progresso da humanidade.

Que o trabalho seja a lei do mundo moderno, que deve ter elle por recompensa uma parte proporcionada do bem-estar e da felicidade: taes são os principios incontestaveis. Mas uma vez aceitos, cumpre repellir com energia as extravagancias que a elle pretende ligar o espirito sophistico!

E' absurdo o admittir-se que a sociedade seja obrigada a garantir ao homem um salario do seu trabalho proporcionado às suas necessidades. E' ao homem o proporcionar as suas necessidades ao valor do seu trabalho. Se lhe falta ou a força ou a intelligencia, então, cedendo a uma lei logica implacavel, o trabalhador deve fundar sua esperança na caridade do seu proximo. Porque é ainda uma calumnia cruel o dizer-se ao pobre que a caridade é uma humilhação para elle!

Foi tempo e já lá vac, o das illusões

com relação à extincção do pauperismo! O pauperismo é uma chaga que alastra e se deteriora pela extensão do luxo. Nós temos o mais profundo interesse a respeitar, como o unico remedio contra este flagello, a religião que abre ao pobre a perspectiva d'uma felicidade futura proporcionada à coragem com que o pobre supporta o mal n'este mundo.

Todos estes juizos da razão são conformes com os principios da religião christã que ensina ao pobre a resignação, a fé e a esperança; ao rico a caridade; eis aqui como se alliam e se confundem as duas questões sociaes do trabalho e do pauperismo; eis aqui como ellas acham suas soluções naturaes na religião.

\* \* \*

Socialismo! Tem acaso esta escola o merito da novidade? Não tem. Com effeito, a grande lucta que enche os annos do mundo é a lucta da unidade pessoal do individuo contra a unidade collectiva do Estado.

Na antiguidade o socialismo triumphava: a lei de Moisés, a legislação de Lycurgo, a de Solon, a lei das Doze Taboas proclamam que o individuo não é nada, e que o Estado é que é tudo.

Sacerdotal, politico ou militar, o socialismo fez pesar o mesmo nivel sobre toda a raça humana.

O Evangelho veio romper este jugo; o Evangelho ha reivindicado os direitos da consciencia e da justiça, o Evangelho ha lembrado que Deus nos confiou o direito sagrado de realisar nosso destino; o Evangelho disse ao homem, a todo o homem: «*Tu não pertences senão a ti mesmo e tu não deves contar dos teus sentimentos senão a Deus. Ganha o teu pão com o suor do teu rosto; mas o pão do teu trabalho é teu, e ninguém tem o direito de o tirar, sem a maxima flagrante iniquidade.*»

Assim como a doutrina de Jesus Christo remira a sociedade romana da escravidão antiga, assim só ella é que pôde preservar da servidão nova que nos preparam os utopistas modernos!

\* \* \*

Em conclusão. O socialismo é um systema de despotismo administrativo que remette ao Estado o cuidado de prover à repartição do trabalho e dos salarios, substituição do Estado a toda iniciativa pessoal, despotismo anonymo em que o odioso excede todas as tyrannias, porque o soberano é absoluto, impessoal, irresponsavel, sem entranchas!!!!

J. C. de Faria e Castro.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### Reminiscencias Classicas

ou

#### A traducção das *Tusculanas* de Cicero



QUANDO cursamos as aulas, foi ali que aprendemos o indispensavel latim com um mestre de muita erudição.

N'essa época a frequencia da latinidade absorvia ao alumno a melhor parte do tempo da sua mocidade. Seis, oito, e até dez annos, era a patente a pagar-se.

Francisco d'Andrade, professor meticoloso e d'um genio rispido, era então quem regia a cadeira de latim conjunctamente com a de portuguez classico, no lyceu do Funchal. Auctor de duas grammaticas portuguezas approvadas pelo conselho superior de instrucção publica, e d'uma latina, que não chegou a ser impressa, mas douta e bem construida, Francisco d'Andrade, embora versadissimo nas duas linguas, não era, contudo, um engenho prompto e luminoso; mas, à custa de muito lèr e meditar os classicos portuguezes e latinos, era o mais correcto e limpo dos mestres na sua cadeira, um profundo grammatico, um grande pedagogo, emfim!

Este homemzinho (elle era magro de aspecto maneiro, d'um trigueiro abronzado e terrilcador, mas tão estudado no vestir como estudado no fallar!), era o critico terror em geral dos padres, e dos professores d'instrucção publica da Ilha; e em particular, dos oradores sagrados do Funchal! Não perdoava, heresia grammatical nem a uns nem a outros!

Foi, pois, com este douto mestre tyrannete (1), que traduzimos na aula, ha trinta annos—as *Questões Tusculanas* de Cicero. E havendo conservado d'ahi algumas notas ao correr da penna, embora defeituosas e deficientes, mas com o cunho classico do mestre que as dictava, temos conseguido, sobre ellas, e bem como sobre a versão franceza de Bouhier e de Olivet (uma das melhores que existe), quasi levar a cabo a traducção da primorosa obra philosophica do auctor latino.

Daremos aqui aos nossos leitores, alguns trechos da nossa traducção inedita, e quando fôr Deus servido nos deixaremos a litteratura nacional.

Esta traducção, será, pois, dedicada

(1) Francisco d'Andrade morreu ha uns nove ou dez annos. Elle era reitor do Lyceu Nacional do Funchal.

a um dos meus amigos: ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. João Baptista de Freitas Leal, cavalheiro distincto, filho da Madeira, e meu antigo condiscipulo.

\* \* \*

—E' inacreditavel que um livro tão curioso e tão instructivo não tivesse até agora quem o traduzisse na nossa lingua, ao passo que o tratado dos *Offices* (sobre as obrigações civis) achou traductor e até por vezes foi reimpresso.

Acaso alguém julga que seja mais util ao homem conhecer os seus deveres para com a sociedade, do que saber como deve viver em boa paz consigo mesmo? Se alguém pensa, engana-se. Por muita necessidade que tenhamos de viver em paz com os outros, é muito mais util ainda o não estar em guerra comigo mesmo. O mais terrivel flagello da humanidade são as desordens da alma. E todavia, se cada um trabalha por ser justo, não é, pois, o caminho mais facil para isso a consolidação da felicidade publica? Um bom philosopho é necessariamente um bom cidadão.

\* \* \*

O que quiz Cicero com a philosophia das suas *Tusculanas*? Convencer-nos que só do homem depende o ser ou não ser feliz. Por outras palavras, que a nossa felicidade está na nossa vontade!

Contra uma proposição d'esta ordem levanta-se logo um confuso e cego sentimento. Porém, como não seríamos reconhecido ao auctor que podesse convencer-nos!

Eu quero ser feliz; para isso convergem todas as minhas vistas, todos os meus desejos: instincto este que em mim falla a cada momento da minha vida. A tudo eu posso renunciar, excepto ao desejo de ser feliz; comtudo não o sou. E' acaso da natureza, ou de mim mesmo que devo queixar-me?

Para dar uma opinião sobre isto cumpre observar-me e examinar rigorosamente o que sou. Ai! que sou pois? Um animal destinado a morrer cedo ou tarde. Antes de chegar a este depraído termo, posso, e frequentemente, ter motivos de desgosto. Em meu coração conservo um veneno dos mais funestos, uma fonte inexgotavel de paixões. Mas ao mesmo tempo, para combater os diversos inimigos do meu descanso, tenho uma razão que me esclarece ácerca do que seja bem ou mal; que me faz sentir que nasci para amar e para praticar o bem; que, com relação aos males dos quaes me lamento, ella corrige o desvio dos meus sentidos; e que, querendo eu ser docil ás

suas leis, ella me dará a minha felicidade, emfim.

Tal é o objecto das *Questões Tusculanas*. Ellas dividem-se em cinco livros. Cada livro trata d'uma *questão* sem correlação com as demais; mas os cinco livros, em verdade, formam no seu conjuncto um corpo da melhor construção.

Não creio que facilmente se encontre, nem entre os modernos, nem entre os antigos, um plano tão bem ideado. Nem mais regular, como o traçado por Cicero, nas suas cinco *Tusculanas*.

Na 1.<sup>a</sup>, o auctor faz por tranquilizar-nos contra os medos da morte.

Na 2.<sup>a</sup>, ensina-nos porque motivos se deve soffrer com paciencia as dôres corporaes.

Na 3.<sup>a</sup>, como é que se deve estar acima dos acontecimentos que causam desgosto.

Na 4.<sup>a</sup>, como cumpre vencer as nossas paixões.

E na 5.<sup>a</sup>, como para sermos perfeitamente felizes, só ha a ser-se virtuoso —isto é, justo.

Com respeito á 1.<sup>a</sup>, como as opiniões sobre a natureza da alma eram as mais diversas e estavam pouco esclarecidas entre os antigos, vê-se que Cicero de pois de as ter todas exposto com minuciosidade, tende rasgadamente para a opinião de Platão, que seguia a immortalidade da alma.

Nas outras quatro, dá quasi sempre a preferencia aos Stoicos.

*Tusculano I. (Da Morte). cap. III:*

.....  
A philosophia até agora tem estado na obscuridade; nem teve brilho nenhum dos auctores latinos. Cumpre illustrar-a e levantar-a do abatimento em que jaz; de maneira que, se os Romanos outr'ora colheram algum fructo das minhas occupações, o colham também agora, se possível é, do meu descanso. E tanto mais voluntariamente me entrego a este novo trabalho; porque se diz existirem já muitos livros latinos inconsideradamente escriptos por alguns philosophos (1) que creio, homens de bem, mas não assaz eruditos. Pôde acontecer que o homem pense bem, e não possa exprimir com elegancia o que sente; escrever os seus pensamentos quem os não pôde expôr, nem illustrar, nem attrair a attenção do leitor, é de homem que abusa inteiramente assim do descanso, como das letras. E assim são elles mesmos que lêem os seus livros com os seus, nem outrem lhes toca, excepto aquelles que querem que a mesma licença de escrever lhes seja permittida.

Portanto, depois de haver trabalhado para o engrandecimento da arte orato

ria a ponto como elle entre nós chegou, tanto mais cuidadosamente me applicarei a dar luz á philosophia, fonte da qual também dimanava aquella minha gloria, que pude ganhar na eloquencia.

\* \* \*

Cap. IV.—... assim também eu desejo, sem dar de mão á minha antiga qualidade de orador, profundar as materias de philosophia que acho mais ricas que as do fóro. Porque sempre julguei que estas questões sublimes, para nada perderem da sua formosura, demandam ser tratadas amplamente e com todos os ornatos, que dependem da linguagem.

Experimentei se teria prestimo n'este genero, e a cujo exercicio me entreguei de tal modo, que já ousei fazer conferencias philosophicas á maneira dos gregos. Como ultimamente, depois da tua partida (1) no *Tusculano*, estando comigo alguns amigos, na presença dos quaes mostrei o que poderia fazer n'elle. E' por isso que as declamações que eu fazia outr'ora, em que eu tinha por fim formar-me na advocacia, e de que continuei no uso por mais tempo que ninguém, são agora substituidas por um exercicio que é proprio d'um velho. Eu mandava pois propor a these sobre a qual queriam ouvir-me; e discorria sobre ella, ou sentado ou passeiando. E como levassemos cinco dias n'este genero de controversias, as escrevi em outros tantos livros.

Faziamos assim. Primeiramente aquelle que queria ouvir-me, dizia o que lhe parecia, e eu depois refutava. Porque este é, como sabes, o antigo methodo de Socratas, e que elle considerava como mais seguro meio de conseguir a deslindar onde está o verosimil. Mas para melhor te pôr ao facto das nossas conferecias, não t'as narrarei sómente; mas as repetirei como se ellas se realisassem agora. Portanto, começaremos d'este modo.

Cap. V.—*Ouvinte*.—A morte parece-me ser um mal.

*Mestre*.—Para aquelles que já morreram, ou para os que hão de morrer?

*O*.—Para uns e outros.

*M*.—E' portanto uma infelicidade, porque é um mal.

*O*.—Certamente.

*M*.—Portanto são infelizes não só aquelles que já morreram senão também os que hão de morrer.

*O*.—Assim me parece.

*M*.—Logo não ha ninguém que não seja infeliz.

*O*.—Absolutamente ninguém.

*M*.—Portanto, para disputar consequentemente, todos os que nasceram

(1) Os epicureos.

(1) Bruto.

ou que hão de nascer, não só são infelizes, mas o serão sempre. Porque, se não houvesse porventura mal senão para aquelles que hão de morrer, isso se referiria a todos os viventes, porque, sem excepção, todos têm de morrer, fôsse comtudo a morte o fim das miserias. Mas acrescentar que também os mortos são infelizes, é dizer que nascemos para sermos eternamente infelizes, e que os que morreram ha cem mil annos, e todos os homens, emfim, são infelizes.

O.—Assim julgo.

Apresiasi os leitores se isto é ou não classico!

J. C. de Faria e Castro.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

17.º

(Continuado do n.º anterior)

XXX

#### P. Affonso Salmeron

ESTE famoso varão foi um dos primeiros discipulos de Santo Ignacio de Loyola, e o mais joven de todos elles, ainda antes de organisada a Companhia de Jesus. Nasceu em Toledo, no anno de 1515.

Depois de ter aprendido na sua patria os primeiros rudimentos das sciencias, Salmeron veio a Paris para ali concluir os seus estudos, na occasião em que Ignacio traçava o plano da sua congregação. Atrahido pela reputação de santidade que Ignacio tinha deixado na Hespanha, Affonso juntou-se a elle espontaneamente, sujeitando-se humildemente à sua direcção.

Tendo apenas 18 annos de idade, Salmeron já era distincto pelas suas qualidades do coração e do espirito, animado dos mais generosos pensamentos, prompto ao sacrificio e à dedicação.

Seria necessario um volume para escrever todas as accções que praticou este illustre filho de Santo Ignacio em defeza da Igreja e da fé catholica; mas resumiremos, tocando apenas os factos principaes.

Muitos Soberanos Pontifices o encarregaram de negocios importantes na Allemanha, na Polonia, nos Paizes-Baixos e na Irlanda. N'este ultimo paiz prégou com grande fructo o Evangelho, e quasi que esteve a ser victima da heresia que Henrique VIII propagava nos seus

estados a ferro e fogo. Viu-se, por consequencia, obrigado a retirar-se da Irlanda.

Em seguida exerceu, por espaço de dous annos, em Modena, o munus apostolico contra os hereges, prégando com eloquencia e solidez as verdades catholicas.

Estando então congregado o Concilio de Trento, Affonso Salmeron partiu com mais alguns dos seus confrades para aquella assembleia ecclesiastica como Legado da Santa Sé, e alli se deu a conhecer como eminente theologo e homem de eximia santidade.

Admiremos aqui por um pouco a Providencia de Deus na instituição da Companhia de Jesus. A creação d'este segundo Apostolado coincide com a elevação da Igreja à sua ultima perfeição, não só emquanto ao dogma, mas ainda com relação à disciplina, o que se verificou no famoso Concilio de Trento.

A esta assembleia foram chamados os mais celebres theologos, para se discutirem, quanto fosse possivel, as materias sobre que se devia decidir. Entre elles se distinguiram quatro religiosos da Ordem de Santo Ignacio, Laynes, Fabro, Jay e Salmeron, que desempenharam com vantagem os deveres de grandes theologos, e deram a conhecer o que viria a ser este segundo Apostolado.

Não obstante que se achavam occupadissimos com a discussão das materias, tão extensas como numerosas, já-mais deixavam de exercer o officio de Apostolos. Sahiam das congregações e conferencias, e corriam aos hospitaes onde se haviam domiciliado, pois nunca os poderam resolver a tomar outro alojamento.

Alli prestavam aos pobres enfermos todos os serviços da caridade, tanto espirituaes como corporaes. D'alli sahiam a pedir esmola pelas ruas, não só para os enfermos, mas também para seu proprio sustento, que não queriam alcançar senão a titulo de pobreza.

Pelas ruas se viam cercados de meninos que ajuntavam para o ensino da doutrina christã.

Que grandioso espectaculo! Agora os jesuitas disputando entre grandes homens sobre altas e profundas materias; logo entre meninos ensinando a fazer o signal da cruz!

Todos os bispos e mais padres do Concilio, theologos, embaixadores, e pessoas grandes, que a Trento haviam concorrido de todo o mundo, pasmarvam à vista d'esta scena, levando depois a toda a parte a fama d'estes homens mais divinos que humanos, e da sua admiravel instituição.

Voltando ao P. Salmeron de que nos occupamos, este jesuita manifestou no

Concilio a sua profunda sabedoria, em muitas sessões preparatorias, particularmente n'aquella em que se tratou da communhão em uma só especie. Foi elle que poz a questão em toda a sua clareza e a fez decidir da forma que vem no respectivo artigo do Concilio.

Este jesuita contribuiu muito para o estabelecimento do collegio da Companhia na cidade de Napoles, e foi alli provincial.

O Papa S. Pio V pediu ao Geral da Ordem um prégador que, com auctoridade da sciencia e da virtude, traçasse aos Pontifices e aos Cardeaes as obrigações que tinham a cumprir na sua posição de altos funcionarios da Igreja. S. Francisco de Borja enviou-lhe o P. Affonso Salmeron, que foi o primeiro prégador da Santa Sé.

Depois de muitos serviços feitos à religião e à sociedade, falleceu santamente em Napoles a 14 de fevereiro de 1585.

Theologo, orador e diplomata, o jesuita Salmeron deixou muitas obras sobre varias materias, e principalmente acerca dos livros santos. Constam de 16 volumes *in-folio*, e attestam a profundidade do seu saber, como reconhecem todos os bibliographos.

O insuspeito Luiz Du-Pin numerava entre os jesuitas do seculo XVI mais recommendaveis por sua erudição; e Santo Affonso de Liguori chama-lhe *veneravel*.

E, comtudo, Salmeron não deixou de incorrer no odio dos inimigos da Companhia de Jesus. E' por elles accusado de ensinar o regicidio, quando é certo que a sua doutrina é inteiramente contraria.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO CRITICA

### Coisas! Coisas!

ENHO uma noticia muito importante, que achei ao passar revista às gazetas, de que sou leitor, e muito desejava offertal-a a certos doutoritos conimbricos, para que fiquem sabendo que os doutores em jurisprudencia, que tanto renome teem em França, são muito diferentes, no crer e pensar, dos nossos doutoritos. Mas que difficuldade nós achamos, ao procurar um meio qualquer para depor nas doulorissimas mãos dos ditos, a espaventosa noticia! E por mais que demos tratos à imaginação, por mais voltas e reviravoltas que demos, um unico meio nos apparece, mas, meu Deus esse meio é um

impossivel! Um impossivel, porque o Snr. Quinzinho está de mal com o *Progresso Catholico*, e só essa personalidade, de ha muito decantada por esse reino liberdadeiro fora, é que podia tornar conhecida dos doutoritos descrentes, de Coimbra, a espaventosa noticia que está a saltar-nos dos bicos da penna.

Seja; haja treguas entre o *Progresso Catholico* e o *Conimbricense*, e seja mestre Quim intremediario nosso, e o propagador da seguinte noticia nos sabios arraiaes da sabedoria coimbrã:

«Entre alguns jurisconsultos francezes está-se organisando uma peregrinação a Roma. O Bispo de Grenoble será o encarregado de apresentar ao Santo Padre os peregrinos, que serão presididos pelo senador e jurisconsulto Luciano Brun.»

Um favor sempre se fez, e por tanto, snr. colleccionador môr, dê ao menos as honras da reproducção à noticia que ahi fica, nas columnas do *Conimbricense*, forte baluarte das liberalissimas campanhas.

\* \* \*

Ainda vamos offerter outra noticia, que tambem nas gazetas encontramos, ao denodado campeão da causa liberallesca em Portugal—o *Conimbricense*. E' tambem de interesse, creio, e por isso ella ahi vae:

«S. Em.º o Cardeal Manning, completou ha pouco 80 annos de idade, e os catholicos de Londres, querendo dar-lhe uma prova de respeito e veneração, abriram entre si uma subscripção, que produziu perto de 50 contos de reis, e offerteram esta quantia ao Em.º Cardeal para com ella salvar uma divida que contraira para a edificação da cathedral.»

Que tenho eu com as dividas do Cardeal Manning, ou com as subscripções dos catholicos de Londres, nos perguntará o Snr. Martins de Carvalho? E de feito, S. Ex.º nada tem com tudo isto, lendo a noticia de relance, por sobre os seus grandes oculos; mas se reflectir bem, solidamente; se pensar a serio, como homem pensador que é, hade forçosamente fazer este raciocinio: Que differença entre os catholicos de Londres e os liberaes de Portugal! Aquelles, para salvar uma divida que o seu prelado contraíra, abrem entre si uma subscripção; estes para pagarem dividas que contraíram para beneficio seu unicamente e de uma causa desgraçada, confiscaram os bens da Igreja, poseram em almoeada a propriedade do monge, que vivia orando e sustentando os pobres, obrigaram os legitimos proprietarios a abandonar os conventos, para pagar com elles serviços reaes ou imaginarios, mas todos em desproveito da

Patria! Os catholicos de Londres cotizam-se para pagar as despezas da sua cathedral e extasiam-se diante dos arrendados porticos; os revolucionarios portuguezes fazem mão baixa dos bens que constituíam a riqueza da nação e o patrimonio dos infelizes, e riem cynicamente sobre as ruinas amontoadas por elles, abafando os gemidos da miseria que querem sepultar no pó levantado pelas reliquias do passado ao cairrem sob o camartello da destruição!

E' para que pense assim que lhe offerteramos a noticia, Snr. Joaquim Martins.

\* \* \*

A *Gazeta dos Hospitaes*, de França, publicava ha dias uma carta do Dr. Després, medico e conselheiro municipal de Paris, que honra sobremodo as Irmãs da Caridade, essas dedicadas enfermeiras que dão a vida, como todos os dias se observa, pelos seus doentes, por esses infelizes que lhe são confiados, e que acham n'ellas o carinho e a dedicação de uma mãe, d'uma irmã, d'uma esposa que teem longe; e que é ao mesmo tempo a mais energica refutação aos palavriados de meia duzia de estouvados que em França como em Portugal maldizem as pobres Irmãs e as querem expulsar da cabeceira dos doentes, para as trocar por mercenarias. Juntemos mais esta florinha ás muitas com que temos engrinaldado a frente das nossas queridas Irmãs. Eis a carta:

«Paris, 4 de setembro de 1888.—Snr. director da *Gazeta dos Hospitaes*.—Não ha coisa de maior a dizer sobre os deploraveis effeitos da expulsão das Irmãs dos hospitaes; mas visto que parece que, apesar das leis e dos direitos adquiridos, certas pessoas do conselho de vigilancia dos hospitaes, aproveitando a ausencia do maior numero de seus membros, querem tentar a expulsão das Irmãs Agostinhas do Hôtel-Dieu, não é sem interesse apresentar aos olhos de vossos leitores alguns factos instructivos que a administração da Assistencia publica passa calculadamente em silencio.

A laicisação do hospital da Caridade foi effectuada no dia 23 de janeiro ultimo e foi-nos dado verificar por nós mesmo os tres reaes inconvenientes, que nós tínhamos previsto demasiadamente. Sem insistir nas faltas conhecidas do novo pessoal inexperiente, falta d'ordem e de propriedade, ausencia quasi continua das salas, excepto às horas da visita, desordem das roupas brancas e dos instrumentos de cirurgia, basta-me dizer que, de cinco enfermeiros leigos que foram successivamente dados em menos de tres mezes, dois foram despedidos por faltas d'at-

tenção, que custaram a vida a dois dos meus doentes, sendo obrigado a contentar-me com antigas enfermeiras ajudantes das Irmãs, que ao menos sabem virar, limpar e cobrir um doente.

Emquanto a despesa e alimentação não ha comparação possivel. Onde outrora havia uma Irmã, collocaram-se duas enfermeiras leigas. N'um dos nossos serviços, chegou-se até a acrescentar uma terceira, e isto não foi sufficiente. Estas tres senhoras declaram que tinham demasiado trabalho e obtiveram do director do hospital que lhes fosse adjunta uma quarta enfermeira leiga. Eis como na «Caridade» foi substituida uma Irmã!

Mas o peor da situação é que grande numero de mulheres que saem da eschola d'enfermeiras leigas e que nos são enviadas são protegidas de vereadores municipais e mesmo de deputados, e dizem isto insolentemente aos nossos doentes, e, por este facto, julgam que tudo podem fazer. Algumas, se as minhas informações são exactas, são mulheres ou parentas d'eleitores influentes, naturalmente partidarios da laicisação.

Isto mostra, de resto, a questão sob um novo aspecto, e a necessidade do regresso das Irmãs aos hospitaes impõe-se cada vez mais de dia para dia.

Acceitae, etc.—Dr. Armando Després, cirurgião no hospital da Caridade e conselheiro municipal.

P. S.—Tres dias depois da partida das Irmãs, foi collocado um aviso nos corredores do hospital da Caridade e à porta das salas dos doentes, que dizia, em substancia: *São prevenidos os doentes de que não devem dar dinheiro ás pessoas que os tratam*. A administração apresentava d'este modo aos polres o seu novo pessoal e prestava às Irmãs hospitaieiras uma involuntaria homenagem, maior ainda do que aquellas que nós lhes temos rendido.

Que magnifica perola engastada na corda que aureóla a frente da Irmã da Caridade! E que amplo cartel de pedantes pregado no costado de todos os Magalhães Limas, Limas Felisardos, e todos esses pequenos que berram como damnados das mais santas, das mais dedicadas amigas da humanidade!!

\* \* \*

O Guilherme Dias tomára em pequeno a resolução de se fazer padre, e chegou a sel-o, por infelicidade sua. Não o conheceram, de certo, os nossos leitores, ahi por certo tempo em que elle andava pelos cafés e casas de jogo, nas praias, por occasião de banhos, usando ginguisticamente jaqueta e faixa de seda, chapéu agarotado e chicote em punho, fallando ás damas da alta

sociedade banhar, e misturando o seu fino espirito com as espirotuosidades que se dão bem com as frescas brisas do mar, e mais ainda com o cheiro putrido dos lupanares e casas de batota.

Não o conheceram, então, e d'isso lhe dou os parabens; mas foi por esse tempo que elle tomara de arrendamento uma comediante a quem deu para primeiros cueiros do primeiro néné a batina que elle infamara, enodoára com a seventice de uma vida devassa. Desde então, e para legalisar a vergonhosa manuebia, deixou de ser padre e fez-se um pobre protestante, escondendo-se entre os armazens de vinho, em Villa Nova de Gaia, para ensinar rapazes e para de lá, d'entre a tonelagem arre-messar á cidade culta que lhe fica em frente, um ou outro papeluxo, uma ou outra producção litteraria com que fazer a gente seria, e com que *papa* os cobres da propaganda, sem propagar mais que asneiras.

Pois é a esse patusco, a esse trans-fuga dos nossos luzidos arrayaes que eu vou offertar tambem uma noticia, para lhe provar que assim como o que ha de bom no protestantismo deserta para o nosso campo, assim tudo que é podre, desgraçado, miseravel, sem importancia, vae do nosso campo para o protestantismo, como o provou o Guilherme em questão. Eis a noticia:

Mr. H. Morden, auctor de muitas obras protestantes, abjurou os erros em que tem vivido, assim como a sua cara metade, fazendo solemnemente a abjuração na igreja de S. Patricio, em Londres, recebendo ambos os sacramentos da Eucharistia e Confirmação das mãos do Em.<sup>mo</sup> Cardeal Manning.

Porque lhe não tinha mandado dizer o que é a missa, Snr. Guilherme Dias?

\* \* \*

As liberalissimas creaturas de Aveiro — regeneradores, republicanos, e não sei que mais politicos sempre *salvaram* a patria do Ze Estevo, pondo fora de barreiras as Irmãs da Caridade, que estavam no hospital d'aquella cidade cuidando dos pobres doentes. Não admira: do outro lado estavam tambem politicos — progressistas, ou o quer que seja; se estivessem catholicos olhar-se-hia primeiro para os interesses d'uma casa de caridade do que para os interesses politicos.

E não admira ainda por outro facto, que tambem se poderia dar em Aveiro assim como se tem dado n'uma certa parte que nós sabemos.

Aqui vae o conto, que não é nenhuma historia da Carochinha:

Havia um hospital dirigido por enfermeiros leigos, muito boas pessoas, pois porque não? e que tratavam da sua vi-

da engordando bons exemplares da raça suina, á custa, já se sabe, das *sopas* do hospital. Os porquitos engordavam que era um louvar a Deus! e quando chegava o tempo das matanças, como o hospital tinha de comprar os bichos para o arranjo da cosinha, os bons dos enfermeiros faziam a *caridade* de ceder por bons *cobres* os bichanos á meza directora, que os pagava, sem se lembrar que elles deveram ser propriedade do hospital e não dos enfermeiros.

Depois, e isto tendo-se engordado e vendido muitos bicharocos, lembrou-se a direcção da casa de chamar algumas Irmãs da Caridade, que chegaram a occupar o lugar dos *trabalhadores desinteressados*, os quaes se revoltaram, berraram, fizeram trinta mil tropelias, e isto porque lhe lesaram os seus interesses.

Ora não tinham rasão em berrar? E se as Irmãs fossem para Aveiro fazerem *mal* igual não havia rasão de queixa?

E' preciso pôr os pontos nos ii para se conhecerem as cousas.

Um leitor de gazetas.



### Os conventos que cahem e os conventos que se levantam

**ESTRONDEIA** por todo o reino o derrocacar dos conventos, onde a virtude e a innocencia da mulher que se desposára com Jesus se abrigava, e poucas são essas casas que se erguem de em meio dos escombros em que a Revolução as precipitara, para continuarem a obra grandiosa da civilisação e do progresso pelo christianismo. Ha ainda, felizmente, por varias terras do paiz, caridosos estabelecimentos, onde se ministra o pão do espirito á juventude, formados em casas onde outr'ora floresceram as ordens religiosas, que engrandeceram o reino, salvando assim do abandono, ou d'uma applicação menos digna, esses asylos de santidade; mas outras terras, cidades aliás importantes, como Guimarães, onde se deixa derruir os conventos sem que uma mão se levante para os suster na sua queda, sem um espirito patriotico e christão que se lembre de aproveitar para o bem esses esqueletos d'uma passada grandeza, essas paredes testemunhas de tantos sacrificios e de tanta abnegação, essas abobadas onde por seculos revoaram os canticos das filhas do claustro.

Não ha muito que com a morte da ultima religiosa se fechou o convento de Santa Rosa de Lima, da Ordem dominicana, tomando a Fazenda Nacional

conta da casa, igreja, cercas, etc. etc. e mettendo no cofre mais de *desor*to contos de reis que o convento possuia em papeis de credito. Ninguem se lembrou de pedir esta casa para um fim justo e civilizador, para n'elle estabelecer uma casa de educação religiosa de que tanto carece Guimarães.

Depois no convento das Capuchinhas choravam as religiosas seculares a morte da ultima freira professa, e o Governo mandava inventariar tudo que as filhas de S. Francisco possuiam. E nem a devoção dos vimaranenses para com a Virgem da Madre de Deus, que na igreja do convento se venera, nem a vocação das pupilas do convento se lembraram de empregar os meios necessarios, para que os poderes publicos conservem aquella casa.

Mas, como conservar aquella casa, nos dirão, se a ultima freira morreu, e se hoje não ha tendencias para sustentar esses conventos que de nada servem, e de que a sociedade não aufere beneficios?

Sem querer por agora provar o erro em que laboram os que julgam inuteis os conventos como o das Capuchinhas, e que não veem n'elles beneficios para a sociedade, lembramos um meio de que se tem servido em outras partes para aproveitar os conventos, sustentar o culto, amparar as seculares, e prestar grandes serviços á sociedade. Apontamos o que se fez em Aveiro com o convento de Jesus, da Ordem dominicana.

Todos sabem que a ultima religiosa do Convento de Jesus, em Aveiro, morreu em 1874, extinguindo-se, portanto, aquella casa, graças ao zelo, e ao patriotismo das expoliadoras leis doadas pelos libertadores a Portugal. As pupilas do convento, que ás lagrimas vertidas sobre a campa da sua Mãe espi-ritual, juntavam as da saudade pela casa que iam deixar, e que lhe era recordação dos seus melhores dias, trataram de fundar um collegio para educação de meninas, e, para melhor se dirigirem na nova vida que iam ter, e para que a nova casa não tivesse unicamente o caracter de um collegio de meninas, mas fosse antes um instituto religioso para educação, solicitaram da Superiora do Convento de Bemfica, em Lisboa, a graça de lhe mandar algumas das suas religiosas, que são dominicas da 3.<sup>a</sup> Ordem (1). Não puderam desde logo ser attendidas, mas a muitas instancias conseguiram que ellas viessem em 1884,

(1) N'esta congregação ha uma religiosa professa, natural de Guimarães, e bom era que outras vocações se formassem para engrassar as fileiras d'essa aguerrida milicia, consagrada ao bem da sociedade. Deus faça nascer no espirito das minhas patricias o desejo de O servirem aggregadas a esta Ordem.

e lá estão seis religiosas professas e outras seis ainda seculares, conservando o côro, e ministrando ensino a muitas meninas. São poucas ainda as religiosas para o grande numero de educandas, mas a falta que ha de pessoal em Bemfica tem impedido que a virtuosa Superiora, a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Thereza de Saldanha d'Oliveira e Souza, mande mais, como desejava e como necessario se torna.

E querem saber os nossos leitores os serviços que o Collegio de Santa Joana Princeza presta a Aveiro? Eil-os:

As pensionistas são 41, isto é as meninas internas; externas, que não vivem no convento, contam-se já 42; e além d'estas ha ainda mais de 50 meninas pobres que recebem gratis toda a educação que o convento ministra ás meninas ricas. Ao todo perto de cento e quarenta creanças que recebem dos laços das Filhas de S. Domingos os ensinamentos da Religião juntamente com toda a instrucção de que carece uma menina bem educada.

A' testa d'esta pequena phalange de operarias do progresso e da civilisação, que tantos serviços tem prestado á cidade de Aveiro e terras proximas, está uma virtuosa senhora que com as vistas fitas no céu só cuida em infiltrar nos tenros corações das meninas que lhe são confiadas o temor de Deus, o amor á virtude e todos os dotes que fazem as boas filhas, as boas esposas e as boas mães.

Não podiam as senhoras que ficaram ao abandono quando a liberdade afez rolhou as portas do claustro, fazer como as moradoras do convento de Jesus? Não podem as que esperam o mesmo fim empregar os mesmos meios e dar a Guimarães uma casa de educação como a que possui Aveiro?

A ideia ahí fica; aproveite-a quem quizer e pudér.

*Um amigo das ordens religiosas.*

## SECÇÃO LITTERARIA

### Primeiro psalmo de David

(VERSÃO LIVRE)

A meu muito presado primo  
III.<sup>mo</sup> Sr.

Innocencio Peres de Noronha Galvão

Bemdito aquelle, cujo intendimento dos impios o conselho despresou, do peccado o caminho pestilento um momento jámais que só trilhou, nem, da falsa doutrina em seguimento, na cadeira do crime se assentou.

Oh! Bemdito quem ama esta harmonia da sacrosanta lei do Redemptor! Bemdito quem medita noite e dia nos divinos preceitos do Senhor!

Qual arvore plantada sobre o rio carregada de pomos mui gentis, onde as auras em brando murmuro agitar vão das folhas o matiz, um tal homem verá que sem desvio tudo lhe corre, em tudo é mui feliz.

O impio assim não é; não: em crua guerra comsigo mesmo, a todos causa dô; jámais vive tranquillo sobre a terra, qual do vento nas azas tenue pó!

Ante o recto Juiz Omnipotente não esperem os impios salvação: peccador que morrer impenitente conte só co'a eterna perdição; que o constricto, e só este ou o innocente entrar podem dos justos na mansão.

No caminho dos justos ha por guia dos astros e da luz o proprio auctor; no caminho dos impios não ha dia ha só trevas, só cahos, só horror!

(Alvarenga)

*M. Pinto de Paiva Madureira.*

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

ABE-NOS hoje fallar de uma obra que, digamol-o aqui com franqueza, é a bomba mais espantosamente monstruosa de quantas se tem arremessado ao campo da Revolução. E damos-lhe o primeiro lugar porque o merece a todos os respeitos: pelo luxuoso da edição, não só, mas ainda mais pela importancia do assumpto de que trata. É uma obra monumental que hade abrir os olhos a muito cego, e que hade fazer pasmar a não poucos, dos mais lidos em historia contemporanea, porque vão saber factos totalmente desconhecidos.

Não calemos mais tempo o nome do livro e apresentemos quanto antes o auctor: **Los Misterios de la Franc-masonaria**, por *Leo Taxil*. Eis os nomes que melhor tem causado a admiração dos homens mais notáveis no mundo das letras:—o nome d'um livro e o nome d'um escriptor.

**Los Misterios de la Franc-masonaria** formam um volume em 4.º grande, com 832 paginas, bom papel e illustrado com grande copia de gravuras, mostrando os ridiculos e estupidos mysterios da seita, mysterios que umas vezes nos horrorisam e apavoram, provocando-nos outras vezes uma gargalhada estridula.

O maçon arrependido, Leo Taxil des-

creve tudo, menciona todas as particularidades da nefanda seita, e depois de nos pôr ao corrente de tudo quanto passa o pacovio que se deixa cahir no laço, para chegar a ser *alguma coisa*, traça-nos os quadros de horror, a insidia maçonica, as perfidas invenções, as trapaças inauditas e a maneira como tem na mão os tribunaes politicos, como o bandido brande o punhal regicida, ou suicida, como a vingança revolucionaria se apodera dos Estados, peia a liberdade das familias, e perde, muitas vezes consciencias puras e sem mancha, mas que tiveram a desgraça de se deixarem cahir, arrastando comsigo a felicidade das nações e aniquilando dynastias. Quantos vultos sympathicos da historia contemporanea, que as presentes gerações admiravam como typos de honradez e cavalheirismo, de patriotismo e fé religiosa, que julgam martyres do dever e da abnegação, e que, ao serem apunhalados em publico, ao receber um tiro de revolver, ou ao serem assassinados por deliberação dos tribunaes revolucionarios, foram victimas de seus desvarios, receberam o premio de suas leviandades, morrendo porque trahiram a seita a que pertenciam e que só tarde quizeram abandonar!

Que dura lição para os que antepõem os interesses politicos ao bem da Religião, e que julgam escudar-se, abraçando os erros maçonicos!

Surprehendeu-nos devéras a leitura d'este livro, e cremos que o mesmo acontecerá a todos que o lerem, porque Leo Taxil diz-nos o que ignoravamos, revela-nos o que nunca imaginamos, porque até nos apresenta as Irm.<sup>as</sup> Maçonicas, as mulheres, pertencendo á macacada maçonica!

A traducção hespanhola é feita por D. Angel Z. de Cancio, tem a approvação ecclesiastica, e cabe a gloria de a espalhar em Hespanha á Livraria da Immaculada Conceição, de Barcelona, que fez a edição, e a quem agradecemos o exemplar com que se dignou brindar-nos.

O que desejamos é que o livro se propague bem na visinha nação, e se torne assás conhecido em Portugal, visto que em portuguez se não poderá levar a cabo uma publicação de tal ordem.

Está publicado o 3.º volume do **Anno Christão**, pelo Padre João Croiset, e vertido em portuguez pelo Padre Francisco Manoel Vaz. Contém este volume as vidas dos santos dos mezes de julho, agosto e setembro, bem como devotos exercicios para todos os dias.

Por vezes nos temos occupado de obra tão importante, que mereceu a

approvação de quasi todos os Prelados do Reino, e que tem tido uma procura bastante lisonjeira, pelo que damos os parabens ao editor, a quem agradecemos os exemplares offertados.

Vae o annuncio na secção respectiva.

Da casa editora B. Herder, de Friburg em Brisgan (Allemanha) recebemos o **Compendio de Historia Sagrada** para uso dos meninos, com 46 estampas, vertida em portuguez, da edição allemã do Dr. F. J. Knecht, por um sacerdote brasileiro.

Tem este livrinho, que nos parece muito aproveitavel para as escolas, a aprovação do Em.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e Bispo do Rio Grande do Sul, o que deve dar-lhe franca passagem.

Está em moda na hora presente o hypnotismo; depois de ter andado pelas praças e barracões de feira á admiração dos pascacios, teve entrada nas salas e tornou-se, como soe dizer-se, uma cousa nova, da actualidade. Mas os catholicos que veem n'essa impostura um perigo para as gerações modernas, não poderam deixar passar sem protesto o facto, e os prelos rangeram a imprimir obras de grande merito refutando os embustes do hypnotismo, e apresentando-o como é—um perigo. Entre as muitas obras que se tem publicado sobre o assumpto em questão, sobresaie a que escreveu o Dr. Theologo Elias Meric, de que se fez uma traducção em Hespanha, com permissão da auctoridade ecclesiastica. E' esta que temos presente sob o titulo de **Lo Maravilloso y la ciencia, ou estudo acerca del hypnotismo**, formando um vol. de 388 paginas, que a gente lê sem aborrecimento, antes sempre com crescente interesse, porque a sciencia balofa e athea é esmagada em cada pagina d'este formoso livro com a mestria e força com que a sciencia firmada na fé sabe castigar e confundir os inimigos da luz e da verdade.

Ao director da livraria da Immaculada Conceição, de Barcelona, editora d'este bello livro, agradecemos sua attenção, e a nossos leitores, e a todos os amigos da verdade recommendamos essa leitura como util e forte arma contra o grande erro da actualidade.

Custa 2 pesetas em Hespanha.

Annotado pelo Bacharel M. L. Coelho da Silva, professor no Seminario do Porto, publicou-se o **Regulamento do Registo Parochial**, que deve ser muito util aos R.<sup>mos</sup> Parochos, por

conter muitas e variadas disposições que é necessario saber para bem satisfazer as obrigações parochiaes.

E' o seu preço de 400 reis, em brochura.

Agradecemos os exemplares recebidos.

Deixamos para o numero seguinte falar d'outras publicações que nos ficam sobre a meza de trabalho.

Alberto dos Guimarães.

## SECÇÃO NECROLOGICA



MORREU-SE no dia 21 do passado mez uma juvenil senhora, destinada a fazer parte da grandiosa e já entre nós benemerita congregação das Irmãs Hospita-leiras, e que de ha muito fazia serviço na escola de meninas da Irmãdade dos Santos Passos em Guimarães, como professora de instrucção primaria complementar, portuguez, francez e musica.

Sem ter vestido o habito de religiosa, era já conhecida pela Irmã Conceição, sendo muito querida pelas alumnas, muito estimada por todas as Irmãs e respeitada e admirada por todos que a conheciam.

Doente, de uma construcção debil, não pôde mais tempo resistir á terrivel molestia que lhe cavava a sepultura, e voou ao ceo a receber o premio de suas virtudes e de sua vocação, que só viu realisada na ultima hora da vida, que foi quando pronunciou todos os votos, e se cobriu com o habito do pobre de Assis, ornando a frente com a touca das filhas da Caridade, como a vimos quando no dia 23 ajoelharamos diante do seu cadaver para lhe dar, n'uma prece fêrvida, as ultimas despedidas.

Irmã da Caridade só nos ultimos momentos de vida, não te offertamos, como é costume, a primeira pagina da nossa Revista, porém nossas orações e as de todos os nossos leitores, voarão aos pés do Senhor, como suffragio por alma da Irmã Conceição.

Poucos dias antes havia fallecido no hospital da Misericordia a Irmã Maria do Lado, que ha um anno para alli tinha vindo doente, debatendo-se com a

morte durante tanto tempo, mas, a final, cedeu a uma tuberculose e sua alma voou á mansão dos justos.

Apezar de não ser das que fazem serviço em Guimarães demos-lhe as nossas preces.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

Quando encerrar-se o congresso de Friburg, o Chefe, por tantos titulos illustre, do Centro catholico da Allemanha, pronunciou um discurso de tão amplas proporções, de tanta importancia na occasião presente, que, ao mesmo tempo que a imprensa catholica, não só da Allemanha, mas de toda a Europa lhe inderessa os maiores louvores, tem merecido da imprensa assoldada pela Revolução os maiores e mais contrarios clamores. E nem d'outra forma podia ser recebido um tal discurso, porque o denodado campeão da causa catholica tocou na principal questão da actualidade—fallou do poder temporal do Papa.

Eis um pequeno trecho d'esse discurso sublime, que immortalisou o nome do Dr. Windthorst:

«Todos os governos e todos os povos tem igual interesse para pedir com inabalavel firmeza esta soberania territorial do Papa, mesmo que não sejam catholicos, porque nenhum homem de Estado prudente pode deixar de comprehender, que, se podesse vacillar e cahir a potencia mais conservadora e efficaç que se pode contrapor á Revolução, isto é, a Santa Sé, toda a Europa cahiria na mais funesta anarchia. (E' verdade). Por tanto, para seu proprio interesse, principes e povos tem o dever de sustentarem a soberania temporal do Papa. Compenetrados d'isto, tomamos o anno passado uma resolução que exprimia este mesmo pensamento, e eu disse n'aquella occasião que nós a repletaríamos em todas as nossas reuniões, onde nos achassemos ao menos tres, para tornal-a patrimonio de todos!»

E seguiu assim o valente defensor da causa catholica, batendo em toda a linha a Revolução. Quem dera a Portugal uma reunião de catholicos assim, para não terem por unica gloria o felicitar o Santo Padre nos dias de maior festa! Quem nos dera em Portugal um centro de catholicos, que sem respeitos humanos se declarassem amigos da Igreja, não só, mas inimigos da Revolução em todas as suas fases!

O Conselho d'Estado do Cantão Suisso de Vaud composto em grande parte de protestantes, intimou o jejum federal,



e o annuncia com as seguintes palavras:

«Os vossos magistrados, fazendo-se echo dos sentimentos que vos animam ou que desejam que com elles dividaes, não obedecem só ao dever imposto por uma longa e respeitavel tradição. Elles sabem que a justiça exalta as nações; que o peccado e a vergonha dos povos; que a ordem e a prosperidade são impossiveis sem o temor de Deus. Os vossos magistrados sabem isto; elles tem fé em Deus, que até hoje tem protegido a vossa patria, e convidam-vos para testemunhar-lhe a vossa gratidão pelos seus beneficios incessantemente renovados. Se ha alguns espiritos desvairados que ousam reclamar o divorcio entre a Religião e a Sociedade, que tentam banir Deus da vida publica e da vida particular, dos hospitaes, do lar domestico, da eschola, dos mesmos templos; o nosso povo comprehende que sem a assistencia do Deus forte, e sem a firmeza na fé, o progresso social é uma obra imperfeita. O nosso povo sente que é um povo christão, porque é um povo livre e quer sempre sel-o: sabe que o vigor religioso d'uma nação é a medida da sua vitalidade e do seu verdadeiro valor. Nós oppoemos ás ondas crescentes da incredulidade e da corrupção, a potencia que torna os povos grandes e fortes. Homens de fé, seremos os inimigos do scepticismo que enfraquece e do materialismo que degrada. Homens de liberdade, emancipados de toda a escravidão, não teremos outro temor senão o de Deus, outros senhores senão a justiça e o bem. Homens do dever, aceitaremos sem fraqueza as luctas dilliceis da existencia, e preferiremos sempre aos prazeres tumultuosos as serenias alegrias d'uma simplicidade toda republicana. Homens da caridade, baniremos o egoismo dos nossos corações, e queremos participar das alegrias e das penas dos nossos irmãos. Homens d'oração, voltaremos nossos olhos para as cousas invisiveis e esperamos do alto o socorro e a força. Homens de esperança, finalmente, não obstante as lacunas do presente e as incertezas do futuro, trabalharemos sem desanimar pelo bem e pela felicidade da nossa cara patria.»

Que bello, que esplendido, que estu-  
pendo documento!

Desejariamos reproduzi-lo todos os dias em letras d'ouro.

É assim que fallam os homens que governam pelo amor e pelo bem do proprio paiz e não pela vil satisfação das proprias ambições.

Mons. Hugonin, Bispo de Bayeux, felicitou do modo seguinte o Presidente

da Republica franceza na sua passagem pela sua diocese:

«Tento a honra de apresentar-vos o meu clero, que vem offerecer-vos as suas respeitosas homenagens, e affirmar-vos o seu patriotismo. O clero serve o seu paiz do modo que lhe é proprio, defendendo e prégaudo os grandes principios da moral e da religião.»

Igualmente Mons. Thomaz, Arcebispo de Ruen, visitando Carnot quando chegou aquella cidade, dirigiu-lhe as seguintes nobres palavras:

«Offerecendo-vos as minhas homenagens e as do meu clero, sou feliz de dizer-vos que sendo nós, por dever e por indole, estranhos á politica, não temos em vista no meio das luctas dos partidos outra cousa senão a justiça e a paz. Ministros da Igreja e servidores do nosso paiz, nós não separamos nunca estes dois conceitos, tanto nas nossas abnegações como nas nossas esperanças; e estamos convencidos de que no futuro o genio e a espada da França escreverão, como fizeram no passado, paginas as mais brillantes na historia de Deus, nos progressos e nas conquistas da verdadeira civilização. Tais são os nossos pensamentos, os nossos votos, as nossas esperanças.»

Como é bella esta attitude tão nobre e tão digna dos Pastores da Igreja que perante os potentes do seculo que nunca pensam em Deus, fazem resoar com alto desassombro os sublimes accents da linguagem apostolica!

Sexta feira 28, diz o nosso collega da *Correspondencia de Roma*, teve lugar na grande capella da Canonisação sobre o portico da Basilica de S. Pedro, a audiencia solemne concedida por Sua Santidade á Peregrinação do Clero italiano. Os peregrinos que assistiram a audiencia eram cerca de quatro mil. Assistiram tambem muitos Arcebispos e Bispos italianos que acompanharam os peregrinos das suas dioceses.

O Santo Padre entrou pelo meio dia na capella, acompanhado por grande numero de Cardeacs e de Prelados.

Depois que Sua Santidade se assentou no throno, cessaram as aclamações, e o Em.<sup>mo</sup> Cardeal Alimonda, Arcebispo de Turim, leu ao Summo Pontifice uma mensagem, cheia dos mais vivos affectos e dos protestos mais energicos, expressos com a celebrada eloquencia e estylo brilhante que tanto se admira nas obras do mesmo Cardeal.

O Santo Padre respondeu com um discurso que publicaremos no proximo n.º, e que é considerado como o mais importante de todos os que Sua Santidade tem pronunciado durante o seu pontificado.

Na tarde do mesmo dia todos os peregrinos se reuniram na Igreja do Coração de Jesus em Castro Pretorio, onde houve o solemne *Te Deum* d'acção de graças pelo Jubileu de Sua Santidade.

Esperam-se durante este mez outras numerosas peregrinações d'Italia e do estrangeiro, e brevemente virá a das provincias do reino de Napoles, que promette ser importantissima, tanto pelo numero como pela qualidade das pessoas que n'ella tomarão parte.

A peregrinação franceza conduzida pelo Bispo de Grenoble tambem chegará quanto antes.

N'estes dias em que os inimigos da Igreja multiplicam com maior audacia e perversidade os insultos mais vis ao nosso amado Pae e Pontifice, os catholicos preparam-se por toda a parte para dar-lhes novos testemunhos do seu amor e dedicação.

S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> o Sr. Bispo de Nilopolis, em circular de 2 de julho do corrente anno, dirigida aos Ouvidores e Parochos da Diocese d'Angra do Heroismo, e no louvavel intento de fazer cumprir o que havia ordenado o Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Sr. Bispo da Diocese, D. João Maria do Amaral e Pimentel, em circular datada de 1 de setembro de 1882, recommenda aos R.<sup>mos</sup> Parochos a mais seria vigilancia sobre o comportamento dos seminaristas em tempo de ferias, apontando-lhe os pontos sob que devem informar o Vice-Reitor do Seminario, todos os annos no mez de outubro.

Achamos tão sensatas e tão justas as disposições do Venerando Prelado, que aqui transcrevemos as informações que os R.<sup>mos</sup> Parochos tem de enviar.

El-as:

1.º Se dão ou não provas de vocação para o estado Ecclesiastico, por seu comportamento, palavras e acções.

2.º Se frequentam os sacramentos e com que assiduidade.

3.º Se tomam parte nos actos religiosos, e acompanham o S. S. Viatico aos enfermos com recolhimento e piedade.

4.º Se, estando já admittidos ao Seminario, ou tendo primatonsura, ou qualquer ordem, se apresentam nos actos religiosos de habito talar e sobre pelliz; mostrando que fazem gosto n'este habito.

5.º Se pelo contrario, parece desprezarem o habito talar, e se apresentam vestidos á moda e com grande apuro, com roupas que não sejam de cor escura e feiito modesto.

6.º Se acompanham com pessoas pouco honestas, e livres em suas palavras e acções ou frequentam logares impróprios de pessoas graves.

7.º Se requestam ou tratam com mulheres suspeitas, dando indícios de não serem castos.

8.º Se sustentam vícios, como fumando, usando desregradadamente de bebidas alcoolicas, entregando-se á ociosidade, maledicencia, e das occupaões improprias de quem se dedica á vida Ecclesiastica e ao estado sacerdotal.

9.º Finalmente, os muito Rvd.ºs Parochos procurarão informar-se da opinião publica de que gozam os pretendentes ao sacerdocio, e declararão qual seja. Alem d'isto os Muito Rvd.ºs Ouvidores nos darão parte de qualquer facto extraordinario escandaloso que praticar qualquer ordenando ou seminarista das suas respectivas Ouvidorias, ou freguezias fazendo narração explicita do facto e suas circumstancias, e das provas do mesmo, affirm de tomarmos tudo na devida conta.

Pelo contrario não deverão omitir uns e outros as informações que forem honrosas aos mesmos seminaristas e ordenandos; porque assim o pede a justiça; e será para Nós motivo de grande consolação.»

Não sei se isto é uso em todos os seminarios e em todas as Dioceses; mas de vera sel-o, que nada se perdia.

Uma pastoral do Em.º Bispo de Tarbes, publicada ultimamente chama a attenção dos fleis para os muitos abusos e profanações que se fazem sob a invocação de Nossa Senhora de Lourdes; e depois de recordar todas as industrias de que a impiedade lança mão, acrescenta:

«Ha, porem, uma industria, que, sobre todas chegou a motivar uma declaração do Em.º Cardeal Secretario de Estado, Mr. Rampola, que fará desapparecer de uma vez tal abuso. Esta industria consiste em fazer pastilhas com agua de Lourdes. As caixas muito bem confeccionadas são acompanhadas de prospectos que incitam os fleis a tomar as ditas pastilhas com fé e devoção, promettendo-lhes milagrosas curas, porque a SS. Virgem, dizem, não tem em conta a quantidade nem a maneira de empregar a agua. Accrescentam que são approvadas pelos Bispo de Tarbes e que teem a benção apostolica.»

A declaração do Vaticano aponta como falsas taes benções e condemna uma tal exploração.

Bom é que os catholicos estejam prevenidos contra os especuladores.

Não carece o catholicismo, para mostrar a sua vitalidade, que se noticiem factos como o seguinte; mas, como tambem nada se perde transcreva-se sempre:

«Guilhermina de Hillern e sua filha, celebres escriptoras da Allemanha abjuraram os seus erros protestantes e entraram no gremio da Igreja Catholica. Recentemente 2:800 tcheques da provincia de Volhynia (Russia) deram o edificio e consolador espectáculo de abraçarem a fé catholica.»

Querem saber os nossos leitores como o dedo de Deus está pesando sobre a Italia revolucionaria? Como o castigo do ceo vae recahir sobre os escungados que custodeam o Papa? Ora leam:

Entrando em Roma o exercito invasor dos Estados da Igreja, apoderou-se das espingardas que os soldados do Papa empunhavam, mas não querendo conservar o roubo, o governo de Victor Manuel vendeu essas armas a negociantes, que as foram vender ao rei da Abyssinia, emquanto que outras as ofertou ao mesmo rei, armando com o resto as forças auxiliares indigenas de Africa, que allnal cairam em poder dos abyssinios. São, pois, as armas que teem derrotado os italianissimos em Africa, as mesmas com que os bravos defensores do Papa guardavam a cidade de Pierna, quando as hordas selvaticas do Piemonte abriram a brecha da Porta Pia.

Não terão ainda visto um castigo n'este facto os cortezaões do rei Humberto?

Não nos tem sobrado tempo para nada, e foi com sacrificio que escrevemos e mal, como sempre, os dois ultimos «Retrospectos da Quinzena». Estivemos doente, quasi seriamente doente, e por isso a banca de trabalho foi alguns dias trocada pelo leito do soffrimento. Foi isto o que motivou algumas faltas, que alguns dos nossos bons amigos haviam notar, e das quaes pedimos desculpa.

Quizeramos fallar mais a tempo da festa celebrada em Villa do Conde, no magnifico collegio de S. José, mas não o pudemos fazer; mas hoje, apesar de tarde, vamos dar uma breve noticia d'essa sympathica festa infantil, para que nossos leitores ajuizem d'ella, e para mostrar como é que se faz uma distribuição de premios.

Estas festas são das creanças, e só ellas é que devem n'ella tomar parte. O que houver a dizer-se, deve pôr-se nos labios d'essas innocentes meninas, porque tem mais graça, e fica melhor a ellas agradecer o que devem á casa onde recebem a educação, do que aos donos da casa mostrar o que por ellas fazem.

Ora querem ver os nossos leitores como se faz em Villa do Conde, e como

se faz em todos os collegios uma festa de distribuição de premios? Leiam:

«Um luzido côro d'alumnas abriu esta festa escholar, por um mavioso canto acompanhado a piano pela sr.ª D. Lucia Candida Sampaio, que tocou com maestria. O certamente constou d'um discurso em portuguez, de dialogos e poesias em portuguez, francez e italiano, de musicas selectas e um ensaio gymnastico. O discurso d'abertura foi declamado com muita propriedade, pela sr.ª D. Marianna Barbosa Falcão Sotto-Mayor. As poesias foram recitadas com muito mimo e gosto, nos dialogos houve muita graça e naturalidade da parte das representantes e entusiasmo da dos expectadores. O dialogo francez *Une surprise agréable*, desempenhado pelas sr.ªs D. Sophia Coura, D. Anna Amaral e D. Adelina Jorge foi verdadeiramente uma surpresa agradável. No dialogo italiano *Giovanna d'Arc*, a sr.ª D. Marianna da Conceição Torres revelou muito talento e uma propensão quasi natural. As sr.ªs D. Marianna Barbosa Falcão Sotto-Mayor, D. Maria José Barbosa Falcão Sotto-Mayor, D. Sophia Sousa, D. Adelina Jorge e D. Theresa d'Amorim foram inexcediveis no dialogo portuguez *Uma disputa escholastica*. A sr.ª D. Marianna da Conceição Torres recitou com tanto primor a poesia portugueza *Ultimos momentos d'Albuquerque* que nada deixou a desejar. Foram muito bem recitadas a poesia franceza *Si j'étais petit oiseau* pela sr.ª D. Laura da Silva Maia e a poesia italiana *La Battaglia de Lipanto* pela sr.ª D. Maria José Barbosa Falcão Sotto-Mayor. No piano distinguiram-se as sr.ªs D. Maria Cecilia d'Aguiar, D. Marianna da Conceição Torres, D. Marianna de Queiroz Ribeiro e D. Lucia Candida Sampaio, que executaram magistralmente a *Marcia d'el Torneo*. Tambem atrahiu a attenção de todas, a joven collegial de nove annos, D. Laura da Silva Maia, pela facilidade e perfeição com que executou algumas musicas. O ensaio gymnastico *Al mare* foi feito com muito acerto, ordem e graça.»

E' isto, pouco mais ou menos, o que se faz em todos os grandes collegios e o sair d'isto é tirar toda a poesia, todo o discurso, toda a graça que festas d'esta ordem podem ter. E depois o prazer, as delicias das candidas creanças que são escolhidas para desempenhar qualquer papel, e o estimulo que isto faz nascer nas demais creanças, que redobrarão durante o anno de esforços, para na festa seguinte serem tambem das escolhidas!

Dispensamo-nos de fallar nos trabalhos, que nos dizem serem primorosamente feitos; mas do que nos não dispensamos é de dar os parabens ás Directoras do importante Collegio de S.

José, e a Villa do Conde pela gloria de possuir um estabelecimento, que terras bem mais importantes não tem.

O governo de Italia, no *louvavel* intento de ser *util* à Religião Catholica, e de *satisfazer* aos desejos do povo italiano, supprimiu a Obra religiosa, que com tanto *fructo* se empregava em fazer que os presos de Roma se confessassem e commungassem, e se tornassem cada vez mais dignos de perdão por seu proceder moral e religioso. Prohibiu-se, porque para os *senhores* de Roma que importa a confissão, a moral e os bons costumes?

E' uma riquêsinha aquelle governo!

Teem sido transportados este anno de Paris a Lourdes, mais de 900 enfermos, a mór parte de gravidade, occu-  
pando alguns trens especiaes.

Paris, o centro da corrupção, pode dizer-se, é a cidade da Europa que dá maior contingente para as peregrinações que se dirigem á cidade da Virgem, da Immaculada Conceição.

Mas é porque em Paris não ha uns certos espiritos fortes como ha por estes lados...

A Agencia Havas transmittia ha dias ao jornalismo o seguinte telegramma, datado de Paris:

«D. Carlos de Bourbon, por motivo da inauguração do monumento que será erguido este anno, em Bauri (?) á memoria do conde de Chambord, escreveu ao principe Valori encarregando o de ser o seu interprete junto de seus amigos da França. D. Carlos disse-lhe por essa occasião: se vos interrogarem a respeito da minha politica, dizei que da mesma fórma que o augusto e fallido conde em França, eu sou em Hespanha rei de todas as liberdades nacionaes, mas que não serei nunca o rei da revolução.»

Fallam assim os principes, os descendentes dos reis de Hespanha, que timbraram sempre por ser o sustentáculo dos povos que governam, e os mantenedores de todas as suas liberdades. As palavras do chefe do partido tradicionalista hespanhol são a prova do cavalheirismo e da fidalguia que sempre foi o brazão dos reis catholicos, e é de reis assim que a Hespanha carece, porque os reis da revolução representam a tyrannia.

O nosso esclarecido collega a *Correspondencia de Roma*, sob o titulo de—

*A Caridade Catholica em Paris*, publica o seguinte:

«Do relatório das conferencias de S. Vicente de Paula existentes em Paris e publicado n'estes ultimos dias, extrahimos as seguintes noticias que demonstram como se entende entre os catholicos a verdadeira fraternidade.

As oblações recolhidas ascenderam durante o ultimo anno a 486,473 francos, sendo 82,242 o resultado das collectas feitas entre os socios nas reuniões semanaes.

As beneficencias importaram na somma de 370,000 francos. Se a esta somma accrescentarmos as esmolas annuaes feitas pelas conferencias de patronato que sempre ascendem a cerca de 40,000 francos, e as das conferencias do cathecismo que nunca são inferiores a 60,000 fr., acharemos que os Socios de S. Vicente de Paula de Paris distribuiram aos pobres d'aquella cidade em um anno a somma enorme de 440,000 francos (mais de 79 contos).

E os mações de Paris, como as das outras cidades, que se mostram tão cheios de zelo pelo *pobre povo*, que terão dado aos pobres durante o mesmo anno?»

O que fazem os mações de Paris e das outras cidades? quer sabel-o o nosso collega? Espere para quando se incendiar um theatro, e verá. Para isso sim, que ha dinheiro, mas para os pobres que as Conferencias de S. Vicente de Paulo conhece e soccorre não ha dinheiro...

Um jornal da seita liberalesca, que vende, a dez reis, pelas ruas quantas sandices as *lojas* mandam publicar, impingia ha dias a seguinte noticia aos seus leitores:

«Os Jesuitas—Noticiam de Castello Branco:

Dizem-nos que uma senhora formosa, rica e d'uma distincta familia d'este districto, brevemente se entregará nas mãos dos jesuitas do collegio de S. Fiel, para elles a collocarem n'um dos seus collegios de irmãs da caridade.»

Não sei quem deu a noticia ao *Primeiro de Janeiro*, mas sempre perguntamos a este basbaque onde existem collegios de Irmãs da Caridade, pertencentes aos jesuitas. E como somos curiosos, aguardamos esclarecimentos, por sabermos quem é a tal senhora formosa, rica, e d'uma familia distincta, e o collegio onde ha de ser collocada. Mas esperaremos em vão, porque o *Primeiro de Janeiro*, e o seu informador de Castello Branco, são da mesma laia dos figurões do *Povo de Aveiro* e de outros figurões já bem conhecidos por seus tramas.

O *Primeiro de Janeiro* é a papeleta

mais immundamente anti catholica d'Entre Douro e Minho.

E' do mesmo jornal arruaceiro a noticia que segue:

«Em Santarem, foi registrado civilmente o nascimento de uma creança que recebeu o nome de Sadi Carnot Vianna Cardoso.»

Ora aqui temos nós uma infeliz creança a quem os paes bestialisaram ao nascer, e que, quando chegar a ter juizo, hade lastimar ser filho de taes cidadãos!

(Que lembranças! Os nossos parabens aos Carnots de Santarem, e á patria; pois porque não?)

J. de Freitas.

## O NOVO ANNO

† COMO os nossos leitores viram do prospecto que acompanhou o n.º 15, o preço da assignatura do *Progresso Catholico* no 11.º anno, passa a ser de 800 reis, em vez de 600 que até aqui tinha. O augmento da materia que vamos dar (16 paginas de romances moraes em cada n.º) a isso nos obriga. Felizmente, louvores sejam dados a Deus por isso, uma grande parte dos nossos leitores teem manifestado o seu contentamento pelo melhoramento a introduzir, e alguns até nos teem declarado que o preço da assignatura deveria ser de 1,500 reis, e que ainda era baratissimo.

E' certo isso, mas para muitos será pesado dar mais que 800 reis, e aquelles que podem dar mais, deixamos-lhe o direito de dar o que lhe parecer, a titulo de—PARA AJUDA DAS DESPEZAS DO «PROGRESSO CATHOLICO»—o que de bom grado accetamos, e muito agradecemos, porque se os sacrificios tem pesado só sobre alguem, bom é que agora sejam distribuidos por todos os que podem, que são muitos.

Muito agradecemos nos sejam enviadas as novas assignaturas antes de sair o 1.º numero, porque pode acontecer como no corrente anno, que, quando muitas chegarem, já não foi possivel satisfazer-as, por não haver os numeros saídos. A tiragem é só de tantos numeros quantos forem os assignantes, por que como já não podemos formar colleções, por falta dos annos 1.º, 7.º e 10.º, não podemos tirar de mais.

Aos que ainda não pagaram suas as-

signaturas pedimos a graça de o fazerem com brevidade.



## Declaração importante

A muita materia que tinhamos para este numero e que não queriamos deixar para o novo volume obrigou-nos a não dar gravuras d'esta vez, e a não distribuir o rosto e indice competente, o que faremos na primeira occasião, distribuindo então tambem as capas.

De novo rogamos ás pessoas que não queiram continuar a assignar a nossa Revista, a graça de nos devolver a cinta, para nos evitar despezas com remessas inúteis.

## ANNUNCIOS

### A MAÇONARIA E OS JESUITAS

INSTRUCÇÃO PASTORAL

DO

**BISPO D'OLINDA**

2.ª edição vimaranense com prologo e notas importantes

1 volume..... 500 réis

**PADRE CARLOS RADEMAKER**

### VINTE E CINCO POR CENTO!

*Aos cem disparates dos protestantes vinte e cinco respostas sem replica por um que leu a Biblia*

3.ª edição

1 volume de 64 paginas—50 rs.  
10 exemplares—250 rs.

### OS FRADES

*Defeza, justificação e apologia*

POR

**J. DE LEMOS**

3.ª EDIÇÃO

1 volume . . . . . 300 réis

MGR. BESSON, BISPO DE NIMES

NOTAVEL PASTORAL SOBRE A MAÇONARIA

TRADUÇÃO DO

**Padre Senna Freitas**

1 vol. de perto de 80 pag.—50 rs.

### O MEZ D'OUTUBRO

CONSAGRADO A

**NOSSA SENHORA DO ROSARIO**

Traduzido do italiano sobre a versão franceza do Conego Hallex

PELO PRESBYTERO

**MANUEL FRANCISCO DOS SANTOS PEIXOTO**

*Examinador pro-synodal do Bispado d'Angra, Pregador regio, Vigario da Parochial da Villa de S. Sebastião na Ilha Terceira, etc., etc.*

PARA USO DOS SEUS PAROCHIANOS

Approvado, recommendado e indulgenciado pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, pelos Ex.<sup>mos</sup> Rev.<sup>mos</sup> Snrs. Arcebispo de Braga e Bispos de Angra, Funchal, Lamego e Nilopolis.

1 volume de 256 paginas 200 reis.

Com linda capa de percaline 300 rs.

FRANCO DE PORTE

### CONSTITUIÇÃO

DO

NOSSO SANTISSIMO PADRE

**LEÃO XIII**

Á CERCA DA REGRA DA

Ordem Terceira secular de S. Francisco

3.ª Edição

Preço 40 reis—10 exemplares 200 reis

### REPRESENTAÇÃO

DIRIGIDA

ADS PODERES PUBLICOS CONTRA OS JESUITAS

(MAGNIFICA TROÇA)

PELO

**PADRE SENNA FREITAS**

1 opusculo—100 réis

### O POSITIVISMO E A SOCIEDADE

POR

**CARLOS JOSÉ CALDEIRA**

Com uma extensa introdução

PELO

**PADRE SENNA FREITAS**

2.ª EDIÇÃO

1 vol. de 329 pag.—Preço 600 réis

### ESBOÇOS APOLOGETICOS

DA

**RELIGIÃO CATHOLICA**

POR

**José Victorino Pinto de Carvalho**

REITOR DE MANCÉLLOS

1 vol. de 216 paginas..... 500

### Regulamento do registo parochial

annotado por M. L.

Coelho da Silva, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, socio do Instituto da mesma cidade, professor do Seminario do Porto e Chanceler do Bispado—1 vol. 8.º de 150 pag.—400 réis.

A' venda, franco de porte, nas principaes livrarias, nos escriptorios de negocios ecclesiasticos e no escriptorio do auctor. Porto, rua do Sol, n.º 39.

### Dia a dia

DE UM ESPIRITO CHRISTÃO

Aphorismos e reflexões philosophicas sobre a religião, a moral, a litteratura, a politica, etc., etc.

PELO

**PADRE SENNA FREITAS**

1 volume..... 600 réis

### A ROMA!

(NARRATIVAS DE VIAGEM)

PELO

**PADRE MARTINS CAPELLA**

1 volume—500 réis